



Ciências Sociais Unisinos

ISSN: 1519-7050

periodicos@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Brasil

Vicente Rocha, Eufémia

Migração na África Ocidental e Cabo Verde: uma relação recente?

Ciências Sociais Unisinos, vol. 49, núm. 1, enero-abril, 2013, pp. 12-19

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=93826318006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Migração na África Ocidental e Cabo Verde: uma relação recente?

Migration in West Africa and Cape Verde: A recent relationship?

Eufêmia Vicente Rocha¹
eufemia.rocha@docente.unicv.edu.cv
eufemiavr.cv@gmail.com

Resumo

O objetivo deste artigo é reconstituir, desde uma perspectiva eurocêntrica, o modo como se objetivam as migrações, hoje, em Cabo Verde, em que circunstâncias a imigração é pensada e as condições de possibilidade para pensá-la fora dos moldes que a encaixam numa forma ocidental, estática, onde a feitiçaria aparece como um obstáculo a essa relação de dominação.

Palavras-chave: Cabo Verde, África Ocidental, (i)migração, feitiçaria.

Abstract

The aim of this paper is to reconstruct, from a eurocentric perspective, how migration is objectivated, today, in Cape Verde, the circumstances in which immigration is thought and the conditions to understand it out of the patterns that shape it into a Western form, static. Here, witchcraft appears as an obstacle to this relation of domination.

Key words: Cape Verde, West Africa, (im)migration, witchcraft.

Cabo Verde, tradicional e historicamente, país de emigração, foi, em certa medida, apanhado de surpresa pelo fenómeno imigratório (CIMI, 2010, p. 20).

Introdução

Chego ao arquipélago para viver em 1989. Interior da ilha de Santiago, concretamente, a então Vila de Assomada. Ainda, era visível a presença de co-operantes e, também, nos anos que se seguiram imediatamente. Lembro-me, em específico, de luxemburgueses e austríacos. Estes, porém, não eram vistos como imigrantes, mas sim como uma espécie de colaboradores com o povo cabo-verdiano. Eles tinham vindo para Cabo Verde por motivos muito diferenciados daqueles que faziam os cabo-verdianos partirem para o estrangeiro; eram estrangeiros que estavam no país a gerir fundos/programas de financiamento europeu, projetos de apoio/ajuda pública ao desenvolvimento no período pós-independência.

¹ Licenciada em História – Ramo Investigação pela Universidade do Minho, Portugal. Mestre e doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade de Cabo Verde. Doutoranda visitante Erasmus Mundus ACP II, MIM/Malmö University, Suécia. Universidade de Cabo Verde, Praça António Lerenó, C.P. 379C, Praia, Ilha de Santiago, Cabo Verde.

Este foi um dos episódios da minha infância que voltou à minha memória recentemente. Numa das minhas comunicações posteriores² ao término do curso de mestrado³ na qual falávamos, obviamente, de imigrantes provindos da África Ocidental, alguém da plateia perguntou a minha opinião ou se tinha alguma achega a dar sobre quem realmente era imigrante e quem era estrangeiro em Cabo Verde. Para essa pessoa era clara uma separação; ela como brasileira, de ascendência europeia branca, uma loira, era uma estrangeira e não uma imigrante. A figura do imigrante surgia ali como aquele que se encontra numa posição extremamente difícil e vulnerável, que vem à procura de melhores condições de vida, que foge da pobreza.

Eu tinha utilizado de forma intercambiável as duas expressões (e noto que tem sido na sociedade cabo-verdiana, nos últimos anos), conscientemente, embora sem me colocar esse questionamento e sem me passar pela cabeça naquele momento a figura do Cooperante que ali veio à baila ou foi recordada. Havia trabalhado somente com a perspectiva dos imigrantes e a forma como percebiam estar a ser racializados, o que não permitiu que captasse as imagens associadas à migração por parte dos cabo-verdianos.

Com efeito, nessa pesquisa (2009), explorando a questão da identidade e a forma como os imigrantes mostram que são percebidos, racializados, pelos cabo-verdianos, dei-me conta da permanência de uma visão unificadora e estigmatizada sobre o imigrante proveniente de África e, especificamente, o oriundo da CEDEAO (Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental).

Em décadas anteriores, já se sabia da presença destes imigrantes no arquipélago. Entretanto, quando a sua comparência tornou-se cada vez mais saliente, a partir dos anos 1990, generalizou-se o uso da expressão *mandjaku*⁴ como forma de reconhecê-los.

Partindo daí, pude continuar a investigar na mesma área temática, o que deu azo a novas reflexões e questionamentos e o cruzamento da migração com outra categoria como a religiosidade popular através da feitiçaria, algo explorado para a pesquisa de doutoramento⁵.

Na ideia, portanto, de superar uma visão hegemónica ocidental da migração passei a refletir sobre as ferramentas, os ins-

trumentos que esses africanos, com toda a sua diversidade, utilizam para usufruir de um processo de simetriação nessa, também, relação de poder. Existe uma multiplicidade que perpassa e vive nas fronteiras desfazendo-as, onde as relações são estabelecidas em e com o movimento; através da feitiçaria é possível ver como esses africanos inserem-se na migração ou constituem essa inserção. Temos *métris*⁶, *korderus*⁷, feitiços a circularem, pessoas comuns que migram, atravessam fronteiras e fazem o seu território.

Reconstituir, desde uma perspectiva eurocêntrica, o modo como se objetivam as migrações, hoje, em Cabo Verde, em que circunstâncias a imigração é pensada e as condições de possibilidade para pensá-la fora dos moldes que a encaixam numa forma ocidental, estática, onde a feitiçaria aparece como um obstáculo a essa relação de dominação é a finalidade deste artigo.

O que é a imigração em Cabo Verde⁸

Talvez, devêssemos questionar, antes, quem conta como Migrante na linha de Anderson e Blinder (2012)? Ou melhor, quem conta como imigrante, como e por que é assim visto. Eventualmente, teríamos que passar uma revista pela lei, pelas políticas em construção, pelos dados fornecidos por determinadas instituições nacionais, pelos *media*, etc., pelo debate público em geral; com certeza, igualmente, vamos cair numa "confusão", ou seja, o que vamos encontrar são múltiplos entendimentos ou definições. O certo é que aqui não se trata de uma pesquisa sobre como se percebe a migração. Mas, poder-se-ão encontrar imagens diferenciadas se forem exploradas.

A imagem do branco como cooperante, como estrangeiro, e não imigrante, por parte dos cabo-verdianos, coloca-se em contraposição, acredito, à sua própria imagem na sua história de emigração. Isto poderá trazer algumas luzes para a discussão no que toca à forma como os cabo-verdianos constroem ou imaginam a migração destes indivíduos da África Ocidental, ou seja, assim como outrora os cabo-verdianos foram à procura de melhores condições de vida, de se sobressair economicamente,

² "Migrações e Identidade Nacional", encontro 2 a 6 de Julho de 2010, no Ciclo de Debates: Olhares de Mulheres sobre Cabo Verde, organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade de Cabo Verde (UnicV).

³ Mestrado em Ciências Sociais, 2007-2009, na Universidade de Cabo Verde (UnicV) em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), cuja dissertação intitula-se "*Mandjakus* são todos os africanos, todas as gentes pretas que vêm da África: xenofobia e racismo em Cabo Verde" sob a orientação do Prof. Dr. José Carlos Gomes dos Anjos (UFRGS).

⁴ Provavelmente, os primeiros a virem para o arquipélago foram os da etnia Manjaca. Esta ocupa, sabe-se, uma posição fulcral em termos do que se entende por tradição de emigração em nível dos movimentos migratórios guineenses (Cardoso, 2002). Nos fluxos, dos últimos anos do século XX, devido a razões económicas bem como políticas e familiares, reconhece-se a passagem que esses emigrantes fizeram por Cabo Verde. Então, a partir dessa etnia, lança-se um olhar homogeneizante a todos os africanos da sub-região que viriam posteriormente, ou seja, forja-se uma forma de os agrupar e identificar.

⁵ Doutoramento em Ciências Sociais na Universidade de Cabo Verde, 2010-2014, cujo projeto intitula-se "Migrações e Feitiçaria na África Ocidental: uma etnografia da circulação de *métris*, *korderus* e feitiços" sob a orientação e co-orientação dos Profs. Drs. José Carlos Gomes dos Anjos (UFRGS) e Marcio Goldman (MN/UFRJ), respetivamente.

⁶ Mestres, feiticeiros, adivinhos, curandeiros.

⁷ Assim são denominados, na ilha de Santiago, os clientes, aqueles que andam pelas casas de feitiço, ou casas de *kórda*, à procura da manipulação de diversos objetos que são feitos e manuseados e que envolvem a doença e o infortúnio, a busca da cura física e espiritual.

⁸ O último censo realizado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), em 2010, dá conta de 14.373 indivíduos estrangeiros residentes, num universo de 491.683, que constituem 2,9% da população. Destes, 71,7% provêm do continente africano e onde a maior fatia cabe à CEDEAO com 61,1%; nos países da comunidade, os bissau-guineenses lideram com 38,6%, seguidos dos senegaleses (11,4%), nigerianos (5,1%), guineenses (3,2%) e outros (2,8%).

estavam a fugir das armadilhas das ilhas e construíram todo este *ethos* emigratório, esta tradição, também, na sua visão, esses devem partilhar os mesmos objectivos.

No entanto, parece-me que o termo imigrante acabou por se naturalizar na sociedade cabo-verdiana sem que se tivesse posto em questão, ou seja, sem que se veja a necessidade de explicar o que está implícito nele. A do imigrante, como referido anteriormente, deve ser uma imagem calcada na figura do trabalhador, e, em especial, com baixa ou nenhuma qualificação, *grosso modo*, o migrante económico, que aos poucos nota-se que veio para ficar mais tempo do que previa. Daí, uma estigmatização subjaz a noção; ao passo que o estrangeiro é aquele que veio por um tempo determinado, é um visitante a colaborar e, vantajosamente, identifica-se com um quadro científico que tem um nível de formação elevado cuja estadia não se percebe como ameaça à coesão social, o imigrante é atrelado a uma posição socialmente dominada (cf. Spire, 1999). Como bem diz Spire, "L'étranger est plus souvent italien, espagnol ou portugais tandis que l'immigré est plutôt maghrébin et plus que tout autre, algérien" (1999, p. 50). No caso de Cabo Verde, os imigrantes serão os provindos do continente africano e, principalmente, os *mandjakus*.

Logo, entre estes dois há uma grande distância espelhada tanto por uma relação desigual em vários níveis como por um desequilíbrio de forças entre os países, sociedades e culturas em jogo (Sayad, 1998).

Nunca é demais lembrar que os fluxos migratórios têm vindo a aumentar e que acabam por se reconfigurar como uma tendência global (cf. Castles e Miller, 1998). Todavia, no respeitante aos africanos, ainda que se anote um aumento da tentativa por parte destes de alcançarem os países considerados industrializados, somente uma pequena parte da migração internacional com origem em África tem como resultado idas para os países ocidentais, por exemplo⁹ (cf. OIM, 2011b). Há que reconhecer a existência de inumeráveis sistemas migratórios centrados em pólos de migração intracontinente, mas, é claro, estando cientes das lacunas que existem em termos dos dados e que acabam por dificultar um conhecimento aprofundado dos moldes e padrões das migrações dentro da massa continental que é África (cf. Bakewell e Haas, 2007). No caso da África Ocidental, essa região tem sido apontada como um território de extrema mobilidade (OECD/SWAC, 2006) ou, na percepção da OIM, "Las corrientes migratorias en África Occidental tal vez sean el mejor ejemplo

de esa inclinación intrarregional, con más del 70% de los movimientos dentro de la subregión" (OIM, 2011b, p. 68)

Olsen (2011, p. 5) acentuando o facto das pesquisas sugerirem que, hoje, estão mais pessoas a moverem para e dentro do continente africano diz-nos que,

The absolute majority of West African migrants travel to neighbouring countries or within ECOWAS (gathering Benin, Burkina Faso, Cape Verde, Côte d'Ivoire, Gambia, Ghana, Guinea, Guinea-Bissau, Liberia, Niger, Nigeria, Senegal, Sierra Leone and Togo). With more than 7.5 million people circulating (3 percent of the regional population), sub-regional migration in West Africa is additionally six times more prolific than intra-European mobility...

Pelo menos desde as últimas duas décadas, a sociedade cabo-verdiana diz-se confrontar com uma "nova realidade": a da presença de imigrantes na qual colocamos a tónica nos movimentos migratórios intraregionais da sub-região. Cabo Verde entende-se passar a fazer parte de uma forma intensiva nos fluxos migratórios contemporâneos na África Ocidental e que "are rooted in socioeconomic, political and historical-cultural factors which have had serious impacts on intra-regional migration of cross-border workers, professionals, female traders, clandestine workers and refugees" (Adepoju, 2009, p. 18).

Não será o caso de ponderarmos o que Sayad (1998) nos diz a propósito de fingimento? Porventura, estaremos a fingir que só agora descobrimos esta imigração para orientá-la em direção aos nossos interesses tanto materiais como simbólicos a ponto de inspirar

as palavras que são ditas hoje em dia sobre os imigrantes ou a propósito dos imigrantes; é ela que serve de pretexto para as práticas quotidianas em relação aos imigrantes bem como para as decisões administrativas tomadas com relação a eles; é ela que serve de justificativa para os textos legislativos que regem a presença dos imigrantes (sua entrada e sua estadia) (Sayad, 1998, p. 52-54).

Essa perspectiva saydiana faz sentido e ela seria a única possibilidade, aliás, o *status quo*, uma vez que o Estado reconhece-se como uma unidade administrativa que gere os movimentos, os fluxos de pessoas¹⁰. E as políticas públicas¹¹ de gestão dos fluxos migratórios têm de ser capazes de inspirar confiança

⁹ Haas (2008) fala-nos num puro "Mito da Invasão" e na necessidade de relativização no que diz respeito à crescente ênfase colocada na imigração africana por parte da Europa e suas consequentes políticas de securitização associadas ao fenómeno e controlo das fronteiras.

¹⁰ A concepção de soberania, logo, é fundamental para se perceber o facto de um país poder decidir quantos e quem atravessa(m) as suas fronteiras e sob que condições. Schuck coloca a questão da seguinte forma: "The distinctiveness of immigration law reflects a number of factors. Since the ideal of nationhood first fired the human imagination, a country's power to decide unilaterally who may enter its domain, under what conditions, and with what legal consequences has been regarded as an essential precondition of its independence and sovereignty" (1984, p. 1).

¹¹ Só recentemente, a migração nasceu como um campo de estudo para as disciplinas e subdisciplinas ligadas ao estudo da política e do governo dentre as quais: a ciência política, políticas públicas, administração pública e relações internacionais, como bem frisa James F. Hollifield (2000). A partir dos anos 1980 e 1990, os teóricos passaram a discutir como poderiam "bring the state back in" nas análises científicas sociais da migração. Então, o que Hollifield diz que pode ser chamado de "política da migração internacional" emergiu à volta de três temáticas principais: o controlo (o papel do Estado-Nação no estabelecimento das regras de entrada e saída); o impacto da migração nas relações internacionais; a incorporação (especialmente, o impacto da imigração na cidadania, no comportamento político e na própria política).

aos cabo-verdianos e não só; elas têm de ser capazes de inspirar confiança aos europeus, por exemplo, a quem esperamos agradar e que acabam por julgar se aprendemos e fizemos bem o nosso "trabalho de casa": o de barrar essa horda ou moldá-la, vigiar e disciplinar e, por ventura, punir esse corpo ao jeito foucaultiano (cf. Foucault, 2004) ou, no final, se conseguimos tornar o nosso Estado verdadeiramente num "Estado de polícia", no sentido wacquantiano¹², de acordo com o modelo Ocidental.

Mudimbe (1988), falando de uma das três principais chaves para explicar as modulações e os métodos representativos da organização colonial, mencionou as políticas de domesticar nativos. Hodiernamente, temos imigrantes. Por isso, que política migratória¹³ temos se não é uma política de domesticar imigrantes? Partindo das ideias desse teórico, talvez, o que continuamos a ver hoje é a tentativa de organizar e transformar áreas não europeias em construções europeias fundamentalmente.

Isso acaba por nos remeter ao nacionalismo metodológico (Wimmer e Schiller, 2002), ou seja, a assunção de que a nação/o estado/a sociedade é a forma natural, social e política do mundo moderno. A maneira como a imigração é percebida e tratada muito é moldada pelos processos de construção do Estado-nação, o que influencia tanto as ciências sociais como os discursos que se produzem a respeito.

Uma nação emigrante por excelência

Se tomarmos como ponto de partida não esta era, mas tempos outros do tráfico de escravos que permitiu o desenho de uma rede entre a África, o Atlântico e o Velho e Novo Mundos, salientamos que essa tal realidade – a novidade da imigração – não é, absolutamente, nova para o arquipélago; este foi povoado por imigrantes (Batalha e Carling, 2008, p. 13), dado ter sido um importante entreposto nesse comércio e através do qual se deu origem a uma população mestiça resultado da mistura entre os colonos brancos e as escravas trazidas do continente africano, principalmente. Antes, podemos apontar que os fluxos migratórios que, hodiernamente, estamos a conhecer em Cabo Verde apresentam outros traços, tendências e dimensões.

Nesse processo, reconhece-se, persistentemente, o *status* deste país como, tradicionalmente, de emigração; um movimento iniciado há várias gerações (fins do século XVII – inícios do XVIII) (Carreira, 1977) e confirmado pela sua ampla diáspora a

ponto de se afirmar que existem mais cabo-verdianos fora do que dentro do território nacional.

A marca principal desta cultura crioula, a sua principal característica distintiva, deriva, a nosso ver, da sua incessante emigração. A ausência dos entes próximos com a implosão forçada e continuada da família nuclear, a habitual dispersão geográfica (quase) global das famílias, rapidamente chamou a nossa atenção para a marca e a dimensão do que entendemos ser uma singularidade do povo cabo-verdiano: a emigração contínua e continuada de uma parte importante da sua população ao longo dos últimos séculos (Góis, 2006, p. 12).

Surge, daí, um aspecto relevante que é o facto de, provavelmente, se justificar a novidade do fenómeno migratório que tem feito o país envolver um significativo contingente de estrangeiros oriundos da África a partir desse *ethos* emigratório dos cabo-verdianos. Assim, a distância entre as duas experiências mede-se, meramente, em termos diacrónicos, mas, ao mesmo tempo, sente-se um hiato de tempo nessa linha; não se tem memória dessa imigração em massa inicial desencadeada a partir do continente africano como fazendo parte da trajetória do país, ou seja, na perspectiva de Pollak (1992), poderíamos perguntar quais os elementos constitutivos da memória colectiva nacional e, sequentemente, diríamos que esse acontecimento não foi projetado ou identificado com determinado passado a ponto de nos permitir falar de uma "memória quase herdada" ou desse fenómeno como estando presente no imaginário dos cabo-verdianos. Como frisa esse teórico, "A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registado" para além dela ser, obviamente, "um fenómeno construído" (Pollak, 1992, p. 4).

No processo de identificação nacional pelas elites literárias caboverdianas, criouliidade tornou-se sinónimo de etnicidade e nacionalidade num território específico. O processo continua hoje: a historicidade – escravatura, colonialismo, nacionalismo e socialismo africano pós-independência – não são esquecidos, mas sim sublimados; são glosados no constante debate, feito pelas elites, sobre o carácter mais ou menos europeu, mais ou menos africano, das ilhas (Almeida, 2004, p. 12).

Almeida considerando a relação entre o colonialismo português e a criouliização, ou melhor, tentando perceber a criouliização faz uma breve incursão pela história da expansão e colonialismo portugueses e chega a três usos do termo "Crioulo"

¹² Embora, aqui não se trate de prisão ou gueto, recorro a Wacquant (2009) no sentido de lembrar a necessidade de se ter uma ferramenta ou um instrumento para ajudar a controlar (uma população desviante, perigosa...) uma suposta ameaça simbólica e/ou material.

¹³ Em *Law and the Study of Migration*, Peter H. Schuck avança que a maior contribuição das Leis/Direito é fornecer *insights* sobre como as regras legais, instituições, processos e decisões – sua natureza, comportamento, competência, consequências e legitimidade – afectam o movimento de pessoas dentro e através das fronteiras nacionais. Na sequência, a lei acaba por definir os direitos dos indivíduos à propriedade e à atividade económica, à participação política, à segurança física, à identidade religiosa e cultural, e a relações familiares. O conteúdo e a configuração desses direitos extramigração ajudam a estruturar o conjunto de oportunidades que as pessoas podem explorar nos seus países de origem. Todavia, a lei não só delinea incentivos e decisões individuais para migrar, mas também constrange-os. E, hoje, no que diz respeito à imigração, grande parte dos Estados procura limitá-la e impor esses limites através de técnicas legais e extraleais (Schuck, 2000, p. 188-190).

em contextos de língua portuguesa: Brasil, Cabo Verde e Portugal, que esmiúça para compreender essas abordagens até alcançar o próprio caso caboverdiano e o momento pós-colonial. São as reflexões sobre Cabo Verde que nos interessam trazer para aqui, na medida em que para além de se remeter para a língua falada, também, refere-se à cultura e identidade, à forma como os caboverdianos tanto no país como na diáspora se autoapresentam. De acordo com o autor,

O conceito em si, no entanto, nunca se tornou central nas definições ideológicas ou programáticas do colonialismo do Estado português. Em vez dele, miscigenação e mestiçagem foram usados e incorporados pelos discursos de identidade nacional tanto no Brasil como em Cabo Verde (Almeida, 2004, p. 3).

Nada obstante terem-se passado décadas, Almeida dá conta que em Portugal, no Brasil ou em Cabo Verde existe um fantasma comum que constitui uma fantasmagoria comum. "Esse fantasma é, à falta de palavras mais eufemísticas, o fantasma do africano negro e de como lidar com ele, a sua corporalidade, a sua cultura, a sua herança" (Almeida, 2004, p. 13). Esse fantasma, por sinal, bem real na sociedade cabo-verdiana atual e onde, acredito, o negro já não pode ficar "simbolicamente aprisionado no território continental, da qual as ilhas se encontram seguramente separadas por oceano" (Almeida, 2004, p. 13). Mas, claramente, emerge como desafio a essa construção cultural/identitária a presença de imigrantes na qual damos ênfase aos movimentos migratórios intrarregionais da África Ocidental além da experiência migratória cabo-verdiana que se constituiu como diáspora e é tomada, frequentemente, como objecto de pesquisas, exemplos e discursos inflamados.

E é dessa experiência migratória dos cabo-verdianos que Lisa Åkesson, em *Making a Life*, discorre. Essa antropóloga trabalha sobre os significados e as práticas associadas com a migração em Cabo Verde bem como os espaços histórico e social nos quais são produzidos. Uma ideologia da migração é reconhecida na medida em que a partida ou a saída das ilhas é apresentada pelos cabo-verdianos de duas formas: natural e necessária. Åkesson aponta que: "[...] the meanings that Cape Verdeans attribute to migration are associated with people's conceptualizations of themselves as a nation as well as with a culturally specific model of the ideal life" (2004, p. 7).

Outra possibilidade migratória via feitiçaria

Influenciados pelo nacionalismo metodológico, sequentemente, a migração é pensada por meio dos *push* e *pull factors*¹⁴.

À vista disso, se, por um lado, identificamos fatores repulsivos na nossa vida que nos fazem estar insatisfeitos com o nosso local de residência, por outro, também, temos aqueles em outros destinos que nos fazem sentir atraídos. Logo, Cabo Verde apresenta fatores atrativos, como, por exemplo: crescimento económico, estabilidade a vários níveis e, ainda, a sua posição geoestratégica que poderá facilitar a chegada aos destinos do Ocidente, ao passo que a instabilidade de várias ordens reina nesses outros países de onde esses imigrantes são originários.

Nessa ótica, não se dá visibilidade ou não se presta muita atenção a uma migração circular, regular, que marca a sub-região, uma circulação instigada tanto por cabo-verdianos como por nacionais de outros países a residirem em Cabo Verde ou não. Mais, os horizontes não se abrem para outras possibilidades migratórias nas quais saliento aquela que se efetiva via feitiçaria (no sentido amplo, isto é, uma matriz que engloba crenças e práticas diversas: feitiçaria, bruxaria, divinação, medicina tradicional, etc.) e que alargam as chances para se migrar tanto para os humanos bem como para os não humanos. O certo é que estes que migram em prol dessa matriz fazem-no independentemente dos protocolos, das parcerias, dos *push* ou *pull factors* fixados na segurança económica, nas oportunidades sociais ou na estabilidade *versus* instabilidade.

Daí que o meu jeito de refletir/analisar, ou o quadro teórico-metodológico que se quer experimentar, não seja concebível à luz do estranhamento de determinados pesquisadores; não percebem como é possível discutir sobre as migrações sem a definição desses *push/pull factors* tradicionais para se perceber esse campo de estudos; ou não se entende a ligação entre a migração e a feitiçaria se o debate não envolve determinados ingredientes. Em tal caso, a história do fenómeno da imigração aliada à função do regulamento que se impõe aos imigrantes apoia-se na ideia de que ela só faz sentido se expor um saldo positivo, ou seja, se trazer "vantagens" e nenhum "custo" (Sayad, 1998). E o trabalho entra aqui como um factor chave, uma vez que

[...] um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito. Em virtude desse princípio, um trabalhador imigrante (sendo que trabalhador e imigrante são, neste caso, quase um pleonismo), mesmo se nasce para a vida (e para a imigração) na imigração, mesmo se é chamado a trabalhar (como imigrante) durante toda a sua vida no país, mesmo se está destinado a morrer (na imigração), como imigrante, continua sendo um trabalhador definido e tratado como provisório, ou seja, revogável a qualquer momento (Sayad, 1998, p. 54-55).

Estima-se que Cabo Verde siga uma tendência mundial e que esta imigração proveniente da sub-região seja, basicamente,

¹⁴ Em termos de teorias no campo das migrações, essas são bem recentes, a partir da segunda metade do século XX. Everett Lee inspirando-se nas *Leis das Migrações* de Ravenstein tentou completá-las, mas ainda assim não foi suficiente para se inaugurar um corpo teórico. Logo, o *push-pull* ou *repulsão-atração*, embora anterior a essa época, é mais um modelo que marca esta área de estudos do que propriamente uma teoria.

laboral¹⁵ e cuja consequência envolve a ocupação de postos de trabalho que os cabo-verdianos não queiram por menosprezá-los, para além de introduzir mais concorrência e disputas (Furtado, 2011).

Esses imigrantes, na sua maioria, encontram-se em determinados ramos de atividades como sejam: a construção civil, o comércio, vigilância, etc., não obstante, indentificamos o professorado, profissionais liberais e o empresariado (Rocha, 2010). Mas, acredita-se que, em termos de qualificação laboral, grande parte deles tem um nível baixo ou são desqualificados, ficando sujeitos a explorações, trabalhos precários, empregos instáveis e são mal remunerados; até já se fala em etnização do mercado de trabalho, dado que, por exemplo, os guineenses maioritariamente concentram-se na construção civil, os senegaleses, no comércio (cf. Furtado, 2011).

Posto isso, vivemos um momento no qual se tem trabalhado, afincadamente, numa proposta das bases para a definição de uma Política Nacional de Imigração. Daí a criação da CIMI (Comissão Interministerial para Estudo e Proposição das Bases para a Política de Imigração) para se dedicar ao estudo e diagnóstico em termos de imigração e propor estas bases que têm como principais vectores o combate à imigração clandestina e ao emprego de mão de obra ilegal, às situações socialmente degradantes que os imigrantes possam carregar, e a promoção de uma gestão eficaz dos fluxos migratórios e a efetiva e harmoniosa integração dos imigrantes na sociedade cabo-verdiana. Porém, a garantia de coordenação entre todas as instituições e atores tanto da sociedade civil bem como as parcerias em nível nacional e internacional envolvidas com a imigração e a sequente necessidade de apoio na implementação de políticas, estratégias e planos de ação levou à criação da Unidade de Coordenação da Imigração (UCI), que veio substituir o anterior órgão. Definida a Estratégia Nacional de Imigração (ENI)¹⁶, baseada em 4 pilares da Política Nacional de Imigração (PNI), estabelecidos pelo governo em 2010 – fluxos migratórios; diálogo, solidariedade e parcerias; crescimento económico e integração social e coerência das políticas de migração – salientam-se determinados tópicos orientadores como sejam: migração regular; vistos e residência; migração laboral; combate ao tráfico de seres humanos e proteção das vítimas do tráfico; gestão integrada das fronteiras; recolha e análise de dados; cooperação regional e internacional; direitos humanos, educação, formação, segurança, saúde e habitação; cidadania e naturalização; relação e coerência de políticas de emigração e de imigração.

Notamos, portanto, que a gestão dos fluxos migratórios e, especificamente, o controlo da imigração tornou-se uma importante preocupação política em Cabo Verde assim como por todo o globo¹⁷. E o que está subjacente aqui é o fato de, geralmente, se tomar como certo que as pessoas, normal e naturalmente, permanecem num único lugar, assumindo que a estabilidade é tanto a condição humana comum como desejada. Assim, o migrante existe fora da norma, num estado liminal, e a assimilação, a integração, acréscimo, na nova sociedade é natural e desejável (Schiller, 2003, p. 113).

Porém, no processo de privilegiar uma etnografia do espaço de encontro de cosmovisões africanas emergiu a possibilidade de ver as crenças e as práticas associadas à feitiçaria como não sendo nem cabo-verdianas, senegalesas ou guineenses, dado que, se temos a sensação de haver proliferado o número de casas de *kórda*¹⁸ no arquipélago, isso remete-nos para o seu suposto "sucesso". E, ao contrário da ideia de que os imigrantes oeste-africanos em Cabo Verde vêm apresentar esse mundo e introduzir os cabo-verdianos nesse mercado, leva-nos a supor que estes últimos, simplesmente, retomam e fazem parte de um fenómeno que se pensava ter ficado parado no tempo, isto é, décadas ou séculos atrás. A economia religiosa das ilhas sempre foi povoada por determinados personagens tais como: *méstris*, *korderus*, feitiços ou outros. Assim, provavelmente, temos mais uma reconfiguração da religiosidade popular e, por conseguinte, dos discursos cabo-verdianos sobre a identidade nacional que ora se impulsiona com estes movimentos migratórios.

Desta forma, conseguimos refletir sobre a possibilidade da religiosidade popular poder estar a renovar o sentido de pertença, na medida em que a sua capacidade simbólica de segurança e solidariedade permite articular territorialidades a partir da criação de laços e reciprocidades entre espaços sem contiguidade física, mas com continuidade temporal ritual. Logo, essas crenças e práticas da religiosidade popular associadas às circulações migratórias mostram o quanto os marcos da identidade são débeis e tornam as fronteiras nacionais mais porosas. Será que podemos pensar numa recriação dessas fronteiras em novos imaginários e que permitam vincular o que era suposto que as fronteiras separassem (Castellanos, 2009)? Talvez, esse debate permita situar as culturas populares cabo-verdianas entre outras cosmologias africanas sem partir do pressuposto de uma maior mestiçagem ou proximidade com a Europa. Esse espaço de interpelação pode ser tomado como o de uma cosmopolítica

¹⁵ Também, dou conta de uma imigração que, ainda que *a posteriori*, tenha envolvido questões económicas, não as teve como força motriz, ou seja, que não foi motivada pela melhoria das condições de vida ou a busca de emprego. Antes, surgem, igualmente, neste panorama, imigrantes que mostram um sentimento de privilégio por emigrar, elegem como principal motivo para migrarem a possibilidade de fuga às dinâmicas familiares intrincadas e, assim, a realização de projetos livres de um arranjo colectivo, o que não quer dizer que a sua inserção na família seja frágil (Rocha, 2009).

¹⁶ Resolução nr. 3/2012 de 23 de Janeiro.

¹⁷ Essa questão tem sido debatida de forma acesa nos últimos anos, ponderando-se sobre a possibilidade de sucesso no respeitante à gestão dos fluxos migratórios. Como bem frisa Stephen Castles (2004), esse assunto alcançou o topo da agenda política, embora mostrando que quanto mais os estados e os organismos supranacionais fazem para restringir e controlar a migração menos bem sucedidos parecem ser.

¹⁸ Feitiço.

(cf. Lolive e Soubeyran, 2007) e não na velha chave da hibridação e da mestiçagem que supõe culturas mais ou menos puras.

Portanto, estou em crer que a feitiçaria promove uma relação real ou simbólica, acabando por surgir como um espaço de socialidade e um sistema de pensamento em que cabo-verdianos e imigrantes da sub-região, e, talvez, ainda melhor, humanos e não humanos da sub-região, juntos interagem, negociam e recriam um novo imaginário que aponta para o que era suposto que as fronteiras separassem. Aqui, a feitiçaria mostra que há a possibilidade de se apresentar uma outra dimensão da migração que não simplesmente,

The movement of a person or a group of persons, either across an international border, or within a State. It is a population movement, encompassing any kind of movement of people, whatever its length, composition and causes; it includes migration of refugees, displaced persons, economic migrants, and persons moving for other purposes, including family reunification (OIM, 2011a, p. 62-63).

É possível sim viver num mundo sem fronteiras que escape aos mecanismos de controlo dos fluxos migratórios, da mobilidade, às políticas, às relações sociais, como hoje as conhecemos, ou antes os humanos e os não humanos (Latour, 2005) podem fazer as "suas fronteiras". Como Achille Mbembe (2000) diz, o território é uma intersecção de corpos em movimento, não uma estabilidade, e as pessoas estão a desenvolver a sua própria imaginação sobre o espaço e constroem-no elas próprias.

Referências

- ADEPOJU, A. 2009. Migration Management in West Africa within the Context of ECOWAS Protocol on Free Movement of Persons and the Common Approach on Migration: Challenges and Prospects. In: M. TRÉ-MOLIÈRES (ed.), *Regional Challenges of West African Migration. African and European perspectives*. Paris, West African Studies, OECD/SWAC, p. 17-47.
- ÅKESSON, L. 2004. *Making of life: meanings of migration in Cape Verde*. Göteborg, Göteborg University, 184 p.
- ALMEIDA, M.V. de. 2004. Crioulidade e Fantasmagoria. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS ANPOCS, XXVIII, Caxambu, 2004. *Anais...* Caxambu, p. 2-16.
- ANDERSON, B.; BLINDER, S. 2012. Briefing: Who counts as a Migrant? Definitions and their consequences. The Migration Observatory at the University of Oxford/COMPAS, p. 1-9. Disponível em: <http://www.migrationobservatory.ox.ac.uk/sites/files/migobs/Briefing%20-%20Who%20Counts%20as%20a%20Migrant.pdf>. Acesso em: 18/04/2013.
- BAKEWELL, O.; HAAS, H. de. 2007. African Migrations: continuities, discontinuities and recent transformations. In: P. CHABAL; U. ENGEL; L. de HAAN (eds.), *African Alternatives*. Leiden, Brill, p. 95-117. <http://dx.doi.org/10.1163/ej.9789004161139.i-185.38>
- BATALHA, L.; CARLING, J. 2008. *Transnational Archipelago. Perspectives on Cape Verdean Migration and Diaspora*. Amsterdam, Amsterdam University Press, 298 p. <http://dx.doi.org/10.5117/9789053569948>
- CARDOSO, F.L. 2002. Subsídios para o estudo do movimento migratório na Guiné Bissau. *Soronda*, 3:29-49.
- CARREIRA, A. 1977. *Migrações nas ilhas de Cabo Verde*. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 334 p.
- CASTELLANOS, R. de La T. 2009. De la globalización a la transrelocalización de lo religioso. *Revista Debates do NER*, 10(16):9-34.
- CASTLES, S. 2004. Why migration policies fail? *Ethnic and Racial Studies*, 27(2):205-227. <http://dx.doi.org/10.1080/0141987042000177306>
- CASTLES, S.; MILLER, M.J. 1998. *The Age of Migration. International Population Movements in the Modern World*. London, Macmillan Press, 369 p.
- COMISSÃO INTERMINISTERIAL PARA O ESTUDO E PROPOSIÇÃO DAS BASES DA POLÍTICA DE IMIGRAÇÃO (CIMI). 2010. *Imigração em Cabo Verde: Subsídios para a política nacional de imigração*. Praia, CIMI, 158 p.
- FOUCAULT, M. 2004. *Vigiar e Punir*. Petrópolis, Editora Vozes, 262 p.
- FURTADO, C. 2011. Imigração e mercado de trabalho em Cabo Verde: atitudes e representações recíprocas. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, XI, Salvador, 2011. *Anais...* Salvador, p. 1-17.
- GÔIS, P. 2006. *Emigração Cabo-verdiana para (e na) Europa e a sua inserção em mercados de trabalho locais: Lisboa, Milão, Roterdão*. Coimbra, Portugal. Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra, 375 p.
- HAAS, H. de. 2008b. The Myth of Invasion. The Inconvenient Realities of African Migration to Europe. *Third World Quarterly*, 29(7):1305-1322. <http://dx.doi.org/10.1080/01436590802386435>
- HOLLIFIELD, J.F. 2000. The Politics of International Migration. How Can We "Bring the State Back In"? In: C.B. BRETTELL; J.F. HOLLIFIELD, *Migration Theory. Talking across disciplines*. New York/London, Routledge, p. 137-185.
- LATOUR, B. 2005. *Reensamblar lo social. Una introducción a la teoría del actor-red*. Buenos Aires, Manantial, 392 p.
- LOLIVE, J.; SOUBEYRAN, O. (dir.). 2007. *L'émergence des cosmopolitiques*. Paris, La Découverte, 383 p.
- MBEMBE, A. 2000. At the Edge of the World: Boundaries, Territoriality, and Sovereignty in Africa. *Public Culture*, 12(1):259-284. <http://dx.doi.org/10.1215/08992363-12-1-259>
- MUDIMBE, V.Y. 1988. *The Invention of Africa. Gnosis, Philosophy, and the Order of Knowledge*. Bloomington/Indianapolis, Indiana University Press, 255 p.
- OECD/SWAC. 2006a. Atlas on Regional Integration in West Africa. Population Series. Disponível em: <http://www.oecd.org/migration/38409521.pdf>. Acesso em: 14/09/2012.
- OIM. 2011a. Glossary on Migration. Nº 25, Genebra, 114 p.
- OIM. 2011b. Informe sobre las Migraciones en el Mundo 2011. Comunicar eficazmente sobre las Migraciones. Genebra, 172 p.
- OLSEN, A.S.W. 2011. Reconsidering West African Migration Changing focus from European immigration to intra-regional flows. Danish Institute for International Studies (DIIS), 21 p. Disponível em: <http://www.diis.dk/sw112272.asp>. Acesso em: 18/04/2013.
- POLLAK, M. 1992. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, 5(10):200-212.
- ROCHA, E.V. 2010. Experiências imigratórias em Cabo Verde: novas acepções. *Direito e Cidadania*, XI(30-V/nº. especial):257-271.
- ROCHA, E.V. 2009. *Mandjakus são todos os africanos, todas as gentes pretas que vêm da África: xenofobia e racismo em Cabo Verde*. Praia, Cabo Verde. Dissertação de Mestrado. Universidade de Cabo Verde, 111 p.
- SAYAD, A. 1998. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo, EdUSP, 299 p.
- SCHILLER, N.G. 2003. The Centrality of Ethnography in the Study of Transnational Migration. In: N. FONER, *American Arrivals: Anthropol-*

ogy Engages the New Immigration. Santa Fé, School of American Research, p. 99-128.

SCHUCK, P.H. 2000. Law and the Study of Migration. In: C.B. BRETTELL; J.F. HOLLIFIELD, *Migration Theory. Talking across Disciplines*. New York/London, Routledge, p. 187-204. <http://dx.doi.org/10.2307/1122369>

SCHUCK, P.H. 1984. The Transformation of Immigration Law. *Columbia Law Review*, 84(1):1-90.

SPIRE, A. 1999. De l'étranger à l'immigré. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 129(1):50-56. <http://dx.doi.org/10.3406/arss.1999.3303>

UNIDADE DE COORDENAÇÃO DA IMIGRAÇÃO (UCI). 2012. Estratégia Nacional de Imigração (ENI). Praia, UCI, 66 p.

WACQUANT, L. 2009. O estigma racial na construção do Estado punitivo americano. *Configurações*, 5-6:41-54.

<http://dx.doi.org/10.4000/configuracoes.88>

WIMMER, A.; SCHILLER, N.G. 2002. Methodological nationalism and beyond: nation-state building, migration and social sciences. *Global Networks*, 2(4):301-334. <http://dx.doi.org/10.1111/1471-0374.00043>

Submetido: 13/01/2013

Aceito: 25/02/2013